

PROSÓDIA – UMA ENTREVISTA COM MARINA NESPOR

Marina Nespor

Università di Milano-Bicocca

REVEL – Quando a Prosódia passou a ser incluída na “agenda de estudos da Linguística”? Quem foram os primeiros pesquisadores a estudar a Prosódia? Por que eles se interessaram nesse estudo?

NESPOR – A primeira pesquisadora interessada em Prosódia, na tradição da gramática gerativa, foi Lisa Selkirk, que escreveu sua tese de doutorado (1972), intitulada *The phrase phonology of English and French*, entre outros temas sobre a *liaison* em francês. Mas, antes uma questão de esclarecimento: o que quer dizer o termo “prosódia”? Embora esse termo seja geralmente usado para se referir a ritmo e entoação, na teoria fonológica ele pretende incluir todos os fenômenos fonológicos que consideram o formato regular do som dos enunciados, isto é, não apenas ritmo e entoação, mas também fenômenos segmentais que podem ser aplicados entre palavras.

O interesse na prosódia, acredito – já que foi o meu logo em seguida – foi que o livro clássico de fonologia gerativa (*The Sound Pattern of English*, de Chomsky e Halle 1968) dedicava-se exclusivamente ao formato do som das palavras. Tanto os fenômenos regulares como os irregulares – ou seja, fenômenos que devem se referir à informação não-fonológica – foram tratados da mesma forma. A fonologia de domínios prosódicos maiores do que a palavra¹ era então considerada como questão de desempenho, ao invés de competência. Nos anos seguintes, tornou-se claro,

¹ Não encontrei um termo adequado para traduzir “phrasal phonology”. Por sugestão de Ubiratã K. Alves, uso aqui “fonologia de domínios prosódicos maiores do que a palavra”. N. T.

entretanto, que a fonologia, isto é, o estudo da competência dos sons das línguas naturais, deveria incluir também fenômenos de ordem frasal².

A teoria da fonologia prosódica, então, também inclui crucialmente a fonologia de domínios prosódicos maiores do que a palavra. Na verdade, fica claro que todos os fenômenos regulares que concernem ritmo, entoação ou fenômenos fonológicos regulares que afetam matéria segmental, tal como a *liason* em francês ou o *r* de ligação em inglês britânico, formam parte da competência dos falantes nativos. Na verdade, não é uma questão de desempenho retrair a primeira sílaba acentuada de *thirteen* em *thirteen men* na fala conectada³. Isso, assim como muitos outros fenômenos prosódicos frasais, se aplica de maneira invariável e dá conta da relativa coesão dos elementos de uma sequência.

A fala não seria prontamente compreendida sem fenômenos de ordem frasal. A prosódia, na verdade, permite desambiguar frases que apresentam uma sequência idêntica de palavras, mas têm significados diferentes, como em inglês *John gave her cat food*, que significa tanto “O João deu comida para o gato dela, como “O João deu a ela comida de gato”. Ou nesta frase em italiano, *Quando Luca chiama Martina è sempre felice*, que significa tanto “Quando Luca chama, Martina está sempre feliz”, ou “Quando Luca chama Martina, ela está sempre feliz”⁴. Então, em um caso, Martina é o objeto direto do primeiro verbo, e, em outro, Martina é sujeito do segundo verbo. É por causa do fenômeno da juntura, do acento frasal e do comprimento em diferentes partes que frases como essas são desambiguadas. Então, uma teoria da competência prosódica que incluísse propriedades universais e propriedades que variam sistematicamente entre as línguas tornou-se necessária.

REVEL – A maior parte de sua pesquisa tem focado na interpretação fonológica da sintaxe. Quais são alguns dos pontos interessantes da interface entre sintaxe e prosódia?

² “Phrasal phenomena” no original. N. T.

³ Em português, observamos o fenômeno em *João cantOU* mas *João CANtou HOje pela manhã*. N. T.

⁴ Em português, temos esse efeito em uma sequência semelhante: “Quando o João chama a Maria fica contente”. Essa sequência recebe duas interpretações distintas, dependendo de sua prosódia: ela pode ser interpretada como “Quando o João chama, a Maria fica contente” (a vírgula marca uma pausa prosódica) ou como “Quando o João chama a Maria, (ele, o João) fica contente”. N. T.

NESPOR – Realmente, a maior parte de minha pesquisa tem focado nisso. O interesse na interação sintaxe-prosódia recai sobre o fato de que nós não conseguiríamos entender um ao outro sem a prosódia. Como eu disse acima, existem, de fato, sentenças potencialmente ambíguas, que têm a mesma sequência de palavras. Quando enunciadas, contudo, elas não são ambíguas, porque sua prosódia é diferente. E mesmo que as sentenças não sejam potencialmente ambíguas, sequências aprosódicas de palavras são difíceis de compreender. Para dizer o mínimo, a comunicação não seria efetiva sem prosódia.

Por essa razão, acredito, a prosódia chamou a atenção não apenas de linguistas teóricos, mas também de psicolinguistas e de acadêmicos investigando a aquisição da linguagem. Hoje, já se sabe que as crianças são sensíveis a diferentes aspectos da prosódia desde muito cedo. Por exemplo, bebês de 3 dias conseguem discriminar duas línguas se elas pertencem a classes rítmicas diferentes, mas não se elas pertencem à mesma classe rítmica (Ramus, Nespor & Mehler 1999). Recentemente, mostrou-se que os choros dos recém-nascidos são influenciados pela língua da mãe (Mampe, Friederici, Christophe, & Wermke 2009). Por ser um dos primeiros aspectos de aprendizado linguístico, a prosódia é possivelmente a parte mais difícil da gramática a ser aprendida na aquisição de segunda língua na fase adulta (como a maioria dos adultos que já aprendeu uma segunda língua bem sabe).

De maneira semelhante, a interação sintaxe-prosódia é interessante para a aquisição de primeira língua. Ou seja, a prosódia ajuda os ouvintes a analisar a sintaxe das mensagens ouvidas e auxilia as crianças a iniciarem o processamento de sua língua de exposição⁵. Quando os bebês vêm ao mundo, eles têm sua dotação genética e os sons (ou sinais) de seu ambiente. O que esses sons (e sinais) revelam sobre a estrutura da língua? Ou seja, o que as crianças aprendem sobre sintaxe antes de adquirirem a estrutura da língua? Nossa proposta diz que a prosódia dá uma dica sobre a ordem de palavras da língua (Nespor, Guasti & Christophe 1996; Nespor, Shukla et al. 2008). Em *Prosodic Phonology*, propusemos que o destaque principal no nível da frase fonológica recai sobre a palavra mais à esquerda em línguas em que o objeto precede

⁵ No original: “That is, prosody helps listeners parse the syntax of incoming messages, and helps infants bootstrap (or get initialized) into their language of exposure”. N. T.

o verbo (complemento-núcleo), e na palavra mais à direita em línguas em que o objeto segue o verbo (núcleo-complemento). Entre as línguas do primeiro tipo, estão o turco, o basco e o japonês; entre as línguas do segundo tipo, estão o inglês, o grego e o árabe. E em Nespors, Guasti & Christophe (1996), propusemos que a diferença de localização de acento pode ajudar crianças a descobrirem a ordem das palavras da sua língua nativa⁶. Um sinal de marcação de início e fim de agrupamento, no entanto, também é necessário. O local diferente da proeminência da frase fonológica é necessário; porém, não é suficiente para aprender se uma língua tem a ordem núcleo-complemento (*head initial*) ou complemento-núcleo (*head final*). Na verdade, se ouvirmos uma sequência de palavras fortes (ou acentuadas) alternando com palavras fracas, não poderemos decidir se um grupo começa com uma palavra forte ou fraca. A proposta de Nespors, Shukla et al. resolve o problema de agrupamento: propõe-se, na verdade, que o acento da frase fonológica é principalmente realizado através de um aumento de tom (*pitch*) e de intensidade se for inicial e principalmente através da duração se for final. Assim, o tipo de proeminência a que uma criança é exposta poderia permitir que ela descubra⁷ a ordem das palavras de sua língua. A aquisição pré-lexical da ordem de palavras poderia explicar por que, quando as crianças começam a combinar duas palavras, elas não cometem erros em sua ordem relativa.

Mampe, B., Friederici, A., Christophe, A. & Wermke, K. (2009). Newborns' cry melody is shaped by their native language. *Current Biology*. 19. 1994-1997.

Nespors, M., M.T. Guasti & A. Christophe (1996) Selecting word order: the Rhythmic Activation Principle. in U. Kleinhenz (eds.) *Interfaces in Phonology*. Berlin. Akademie Verlag. 1-26.

Nespors, M., M. Shukla, R. van de Vijver, C. Avesani, H. Schraudolf & C. Donati (2008) Different phrasal prominence realization in VO and OV languages. *Lingue e Linguaggio*. 7.2. 1-28.

Ramus, F., M. Nespors and J. Mehler (1999) Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*. 73. 265-292.

⁶ No original: "And in Nespors, Guasti and Christophe (1996), we proposed that the difference location of stress might help infants bootstrap the word order of their native language". N. T.

⁷ "Bootstrap" no original. N. T.

REVEL – A hierarquia prosódica apresentada em Nespor & Vogel (1986) é considerada um dos marcos da Fonologia Prosódica. Como a senhora vê as ideias apresentadas em Nespor & Vogel (1986) hoje, quase 25 anos depois da publicação da primeira edição de seu livro⁸?

NESPOR – Acredito que algumas das ideias apresentadas em Nespor & Vogel (1986) – e na versão de 2008, uma segunda edição com uma nova introdução de De Gruyter – ainda suscitam investigações. Então, nesse sentido, ainda vale a pena ler esse texto. Pessoalmente, o constituinte daquele livro que mais me ocupa hoje é a frase fonológica. Eu acredito que esse nível da estrutura prosódica é importante para pesquisadores de diferentes disciplinas relacionadas à linguagem. Eu não quero dizer que outras ideias apresentadas no livro não são válidas hoje. Entretanto, a ideia de que a ordem das palavras é marcada por pistas contidas no fluxo da fala é importante não só para a teoria da gramática, mas também para a percepção e aquisição da linguagem. Pelo menos, a frase fonológica é o nível da hierarquia prosódica em que tenho trabalhado mais após a publicação do nosso livro.

Eu também acredito que nossa análise da fonologia da métrica poética, relacionada com a proposta de Hayes (1989), vale a pena ser expandida para mais tradições poéticas, especialmente para as tradições desenvolvidas em línguas com diferentes sistemas fonológicos. A ideia básica é que a sintaxe não influencia a forma da métrica diretamente, mas apenas através da fonologia prosódica. Em outras palavras, apenas aquela parte da sintaxe que é incorporada na fonologia prosódica pode influenciar a forma de versos.

REVEL – Muitos pesquisadores que trabalham com a Teoria da Otimidade (TO) apresentam argumentos a favor da TO usando exemplos de estudos em Prosódia. A senhora acredita que a TO fornece *insights* interessantes para a teoria prosódica?

⁸ NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986. O livro continua sendo publicado; a edição mais recente foi publicada em 2008 pela editora Mouton de Gruyter. No entanto, não conta com uma edição em português.

NESPOR – Quando as primeiras propostas sobre a Teoria da Otimidade estavam circulando, eu estava gradualmente mudando para a investigação de como os sinais prosódicos – e quais sinais – podem ser explorados na aquisição de língua materna. Em particular, estou interessada nos passos que as crianças podem dar na aquisição da sua língua materna nos primeiros meses de vida, preferencialmente antes da aquisição do léxico. Ao mesmo tempo, tornei-me menos interessada em novas teorias fonológicas. Mas diversos estudiosos têm trabalhado sobre a interação sintaxe-prosódica ou sobre prosódica no quadro da TO, como, por exemplo, Selkirk, Yip, Hayes, Kager, Truckenbrodt. Algumas referências são fornecidas abaixo.

REVEL – A senhora poderia sugerir algumas leituras essenciais sobre teoria prosódica para nossos leitores?

NESPOR – Além do nosso livro, há um livro de Selkirk (*Phonology and syntax: The relation between sound and structure*⁹), que é, como o nosso, um pouco velho, já que foi publicado em 1984, mas que também vale a pena ser lido.

Além disso, eu recomendaria começar a partir dos seguintes:

Hayes, B. & A. Lahiri (1991) Bengali Intonational Phonology. *Natural Language and Linguistic Theory*, Vol. 9.1, 47-96.

Truckenbrodt, H. (1999) On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*. 30, 219-255.

O trabalho de Selkirk que se seguiu à publicação de seu livro. Ela também tem trabalhado sobre alguns aspectos da fonologia prosódica no quadro da Teoria da Otimidade.

Yip, M. (2002) *Tone*. Cambridge University Press. (prosódica no quadro da Teoria da Otimidade).

Com referência específica à poesia métrica:

⁹ Sem tradução para o português. N. T.

Hayes, B. (1989) The prosodic hierarchy in meter in P. Kiparsky and G. Youmans (eds.) *Rhythm and Meter*. Orlando, FL. Academic Press. 201-260.

Sobre prosódia e processamento linguístico e aquisição:

Christophe, A., Guasti, M. T., Nespor, M., & van Ooyen, B. (2003). Prosodic structure and syntactic acquisition: the case of the head-complement parameter. *Developmental Science*, 6, 213-222.

Christophe, A., Peperkamp, S., Pallier, C., Block, E., & Mehler, J. (2004). Phonological phrase boundaries constrain lexical access: I. Adult data. *Journal of Memory and Language*, 51, 523-547.

Gout, A., Christophe, A. & Morgan, J. (2004). Phonological phrase boundaries constrain lexical access: II. Infant data. *Journal of Memory and Language*, 51, 547-567.

Millotte, S., René, A., Wales, R. & Christophe, A. (2008). Phonological phrase boundaries constrain the on-line syntactic analysis of spoken sentences. *Journal of Experimental Psychology : Learning, Memory & Cognition*, 34, 874-885.

Morgan, J.L. and K. Demuth (eds.) (1996) *Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 1996. Pp. 487.

Shukla, M., M. Nespor and J. Mehler (2007) Interaction between prosody and statistics in the segmentation of fluent speech. *Cognitive Psychology*. 54.1.1-32.

Sobre a prosódia em língua de sinais:

Nespor, M. and W. Sandler (1999) Prosody in Israeli Sign Language. *Language and Speech*. 143-176.

Wilbur, R.B. (1999) Stress in ASL: Empirical evidence and linguistic issues. *Language and Speech*. 42. 229-250.